entrevista

antes e depois de meu encontro com Lacan em Paris, julho de 1977

Sílmia Sobreira entrevista Luiz Carlos Nogueira

1. Sílmia Sobreira – Sabemos, Luiz Carlos, que você teve parte na introdução do ensino de Lacan no Brasil. Poderia nos falar desse começo?

Luiz Carlos Nogueira – Na realidade, a introdução do ensino do Lacan no Brasil se refere mais inicialmente a meu encontro com o Prof. Dr. Durval Marcondes no Curso de Especialização em Psicologia Clínica na Faculdade de Filosofia da USP por volta de 1961, quando a psicologia ainda não tinha sido regulamentada no Brasil, o que ocorreu no ano seguinte, 1962.

O Prof. Durval foi o introdutor da psicanálise no Brasil, na década de 1920. Fora convidado pela Profa. Anita Cabral a transmitir a psicanálise no âmbito da universidade e o fazia juntamente com outros psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Ao participar do curso, fui percebendo que as elaborações teóricas se apresentavam para mim de maneira empírica. Eu tinha vindo de uma formação filosófica, com os jesuítas, particularmente com o filósofo padre Henrique de Lima Vaz, que faleceu recentemente. Esse professor, esse filósofo, me ajudou muito em minha formação intelectual, principalmente no que diz respeito a um pensamento rigoroso, no sentido de pensar a partir de fundamentos, de uma base conceitual bastante rigorosa. Então me dei conta de que precisava, em meu projeto de doutorado, encontrar essas bases, esses fundamentos da prática psicanalítica que, na ocasião, estava referenciada principalmente aos textos da psicanalista Melanie Klein e, secundariamente, aos textos de Freud e outros comentadores e discípulos de Melanie Klein.

Era preciso procurar os fundamentos dessa prática e, para isso, entrei em contato com um ex-colega de filosofia que me recomendou o texto de Paul Ricoeur *A interpretação sobre Freud*, com a qual, por volta de 1961, entrei em contato. Me dei conta de que havia lá uma elaboração a partir da linguagem pelo psicanalista Jacques Lacan. E isso me interessou muito, porque eu encontrava aí bases não biológicas para a prática psicanalítica, que era já certa hipótese que eu estava construindo.

A partir disso, comecei a me preocupar em encontrar pessoas que pudessem, de alguma forma, me introduzir no pensamento lacaniano. Entrei em contato com o psicanalista, atualmente sediado em Campinas, Durval Checchinatto, que me havia procurado na Universidade de São Paulo, no Instituto de Psicologia, para revalidar seu trabalho de mestrado na França. Ele tinha, por sorte, entrado em contato com analistas lacanianos na Escola Freudiana de Paris. E com isso começamos um primeiro contato. Naquela ocasião, isto é, por volta de 1974, eu já tinha defendido minha tese de doutorado sobre o inconsciente freudiano, um estudo crítico sobre o inconsciente freudiano baseado justamente no texto de Paul Ricoeur. Convidei Durval Checchinato para participar comigo de um curso de pós-graduação que eu coordenava na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Era o primeiro curso de pós-graduação em Psicologia Clínica em Campinas.

Eu já divulgava algumas idéias a respeito de Lacan no curso de pós-graduação no Departamento de Psicologia Clínica da USP. Então fomos fazendo essa amizade, esse contato, essa parceria intelectual. Entramos em contato com outra pessoa que estava sediada em Recife, Jacques Laberge, que tinha feito análise em Paris com Simatos, Secretário da Escola Freudiana de Paris, fundada por Lacan.

Nós três resolvemos fazer, e fizemos, um encontro em minha casa em São Paulo. Eu morava no condomínio Ilhas do Sul, em Alto Pinheiros. Resolvemos organizar um encontro maior, de pessoas interessadas no estudo de Lacan, e, em outubro de 1975, realizamos esse evento nos salões de festa do Ilhas do Sul. Realizamos o primeiro encontro, no qual se decidiu a criação do Centro de Estudos Freudianos, a primeira instituição de transmissão da psicanálise do ensino de Lacan no Brasil.

Participaram dessa reunião várias pessoas, algumas tinham estado em Paris, e tivemos lá vinte ou trinta pessoas, não lembro exatamente. Foi feito um pequeno histórico por Jacques Laberge desse início do Centro de Estudos Freudianos, e começamos a fazer reuniões bianuais, uma aqui no Sul e outra no Nordeste, que pudessem reunir pessoas interessadas no estudo de Lacan.

No mesmo ano, pouco depois, em novembro ou dezembro, surgiu o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, organizado por Magno Machado Dias e Betty Milan, que também tinha estado em Paris.

Foram duas instituições na década de 1970 que começaram a divulgar o ensino de Lacan no Brasil.

O Centro de Estudos Freudianos continua em Recife e é dirigido por Ivan Corrêa, que também fazia parte do grupo de Recife, juntamente com Jacques Laberge. Essa instituição teve alguns grupos em várias capitais do Brasil, mas atualmente de alguma forma se dissolveu, sendo substituída por outras instituições; quanto a mim, não dei continuidade em São Paulo a essa instituição e comecei a ficar ligado ao Campo Freudiano, principalmente depois da morte de Lacan em 1981.

Esse Campo Freudiano começou a ser divulgado no Brasil com várias instituições também nas capitais brasileiras, até que criamos algumas instituições regionais. Aqui em São Paulo fundamos a Escrita Freudiana, que foi uma instituição bastante produtiva, embora tenha permanecido pouco tempo em ação por ter-se dissolvido para se unir àquilo que estava sendo organizado como Escola Brasileira de Psicanálise pelo Campo Freudiano. Em 1991, Helena Maria Sampaio Bicalho, minha esposa, fundadora comigo, juntamente com Silmia Sobreira e Jair Abe, da Escrita Freudiana, organizou e presidiu o IV Encontro Latino-Americano de Psicanálise com Crianças, realizado em São Paulo, no Instituto de Psicologia da USP, após ter sido eleita para tal fim no III Encontro em Buenos Aires. Acontecimento marcante para a Psicanálise em São Paulo e para a divulgação do ensino de Lacan na América Latina.

Em 1995 foi fundada a Escola Brasileira de Psicanálise, da qual fizemos parte, mas em 1998 aderimos ao movimento que se separou da Associação Mundial de Psicanálise e também da Escola Brasileira de Psicanálise e nos associamos ao Fórum Internacional do Campo Lacaniano, que fundou e organizou a Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, instituição internacional com fóruns locais autônomos.

Aqui em São Paulo, organizamos, de 1999 para cá, logo depois da fundação do Fórum Internacional, o que se constituiu então como Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo, que já é uma instituição juridicamente constituída. Conseguimos, nesses três anos, 21 membros e uma sede recentemente estabelecida aqui no Itaim Bibi, em São Paulo, na rua Joaquim Floriano, 101, conjunto 403. Apostamos que a partir daí poderemos dar continuidade ao movimento lacaniano começado em 1975.

Eu tenho dirigido esses anos em São Paulo e, de acordo com essa proposta democrática que inspirou o Fórum Internacional, pretendemos contínuas permutas de gestão. No próximo ano, uma outra comissão de gestão dará continuidade ao Fórum de São Paulo, assim como às outras instituições do Fórum Internacional.

Eu acho que foi isso. De maneira um pouco informal, são dados bastante precisos que me orientaram nessa jornada, nessa empreitada, digamos assim, em relação a Lacan e à divulgação do ensino de Lacan em São Paulo e à participação nas atividades no Brasil e no mundo.

2. Sílmia Sobreira – Em algum momento desse percurso que você nos traçou agora, não sei se você foi com mais alguém desse movimento que deu inicio à transmissão do ensino de Lacan, mas em algum momento você encontrou Lacan pessoalmente. Poderia nos falar um pouco desse encontro, como é que foi, como ele o recebeu?

Luiz Carlos Nogueira – Isso foi depois da fundação do Centro de Estudos Freudianos. Em 1977, fiz uma viagem a Paris pretendendo me encontrar com Lacan, sabendo que já estava bem idoso. Eu estava interessado em obter alguma orientação direta dele em relação ao que se poderia fazer aqui em São Paulo em relação à transmissão da psicanálise, em relação à formação em psicanálise.

Embora não tenha feito maiores contatos com a diretoria da Escola Freudiana de Paris, tinha mandado uma carta a Lacan (não recebi resposta) dizendo da minha satisfação em ver que ele apoiava a transmissão da psicanálise na universidade e que eu já sabia do Departamento de Psicanálise de Paris VIII. Eu estava dizendo da minha satisfação da transmissão da psicanálise na universidade, uma vez que também fazia isso em São Paulo. Mas mesmo não tendo recebido uma resposta à minha carta, fui até lá e tentei entrar em contato, pelo telefone, com seu consultório. Ele atendeu, falou ao telefone, e marcamos uma entrevista em seu consultório logo em seguida ao telefonema. Fomos lá (ele foi bem rápido na resposta) e nos recebeu prontamente, na hora marcada, em seu consultório que sempre tinha bastante gente. A secretária Glória nos recebeu e, logo em seguida, Lacan nos recebeu em seu consultório, em sua sala com divã etc. Estávamos eu, minha ex-esposa e uma amiga francesa que nos acompanhava.

Nessa conversa, ele ouviu atentamente minha preocupação com a formação analítica, com o que se poderia fazer em relação a isso. Ele disse o que para mim significou uma pontuação até hoje memorável, fez uma pergunta que não era bem uma pergunta, era mais, digamos, um comentário: se nós o estávamos traduzindo. Isso pra mim significou não só a questão da tradução, mas que a tradução é apenas um aspecto da Coisa,

a mim importou pensar que teríamos de fazer mais do que traduzir simplesmente.

E ele se preocupou em telefonar pessoalmente – telefonou ali na nossa frente – ao secretário e à vice-presidente da Escola Freudiana de Paris para nos receberem em uma entrevista. Prontamente essas pessoas nos receberam. Ele combinou comigo outra entrevista, acredito que dois dias depois, no mesmo consultório. Tive uma outra entrevista com Lacan no mesmo mês de julho enquanto estava hospedado em Paris.

Mas o que ficou pra mim realmente foi essa atenção muito grande que ele dava, uma atitude de escuta muito grande, e o poder da transferência: uma pessoa atravessa o Atlântico para encontrar com uma outra, idealizando essa pessoa e colocando nela uma expectativa muito grande. De fato, qualquer coisa que Lacan pudesse fazer tinha e tem um peso muito grande para mim. Foi uma experiência da força, do que significa a transferência, muito mais do que ele pudesse dizer. Era o fato mesmo de estarmos ali, não é? Tudo aquilo que, pelo fato de ele entrar em contato comigo e eu entrar em contato com ele, pudesse movimentar em mim, tudo aquilo que eu pudesse produzir a partir disso.

Eu não estava a par das questões políticas intestinas da Escola Freudiana de Paris. 1977 era um momento bastante tenso, ano em que a Escola foi dissolvida, três anos depois não é mais tudo isso, não teve maior importância. Foi um encontro humano realmente memorável, que me fez acreditar ainda mais na importância daquela pessoa que tinha para mim uma conotação ética muito grande, uma pessoa que transmitia por meio de seu saber e de seus textos uma série de conteúdos a respeito da psicanálise, mas também uma atitude com o outro que me marcou bastante. É isso que eu gostaria de dizer a respeito de meu encontro com Lacan.

3. Sílmia Sobreira – Hoje vemos grande número de grupos, de instituições e mesmo de escolas que se referem ao ensino de Lacan, que se valem desse nome. Como é que você entende isso, que haja várias escolas, vários grupos? Será que isso tem a ver com a pluralização dos nomes do pai?

Luiz Carlos Nogueira – Bom, pra dizer assim rapidamente, não sei. Aí eu teria de pensar mais nas razões dessa multiplicidade de instituições. Talvez essa seja uma delas. Há uma mensagem de Lacan que me parece fundamental em termos políticos e psicanalíticos: o autorizar-se por si mesmo. Essa tomada de

posição de Lacan em relação à formação analítica me pareceu extremamente revolucionária em relação àquilo que vinha e vem sendo feito em termos de formação analítica, porque isso faz com que cada analista tenha de se responsabilizar por sua prática, independentemente da instituição, qualquer instituição em que ele esteja, e de sua própria formação. Eu acho que é uma chamada, não é que me pareça muito aguda, e que eu até relaciono com um ditado muito comum que a gente usa na vida prática: as pessoas se estabelecem se têm competência. E a competência é uma posição subjetiva antes de tudo. Eu acho que ela é uma confiança em si mesmo. Lacan trouxe isso para a psicanálise, porque ele percebeu principalmente isso que é primário na psicanálise, quer dizer, não há possibilidade nenhuma de o analista poder conduzir uma análise se ele não se autorizar por si mesmo.

Isso foi uma tomada de posição muito subversiva, se considerarmos a condição de Lacan de analista didata da Associação Internacional, à qual ele pertencia. Não é que ele estivesse preocupado em fazer uma subversão na Associação da qual ele participava. Ele estava interessado em dar uma contribuição rigorosa para a formação analítica.

Pelos dados históricos que a gente tem, sabe-se que Lacan não queria realmente se afastar da instituição onde estava, mas acabou tendo de fazer isso. Até para confirmar, digamos assim, suas posições teóricas, suas condições analíticas e fundar então outra instituição, aliás inédita no campo psicanalítico. Deixando de lado Jung, não há nenhum outro discípulo de Freud ou de orientação freudiana que tenha fundado uma escola independente. Lacan foi o único, porque de fato suas concepções propiciaram uma mudança muito grande na concepção da formação analítica usada na época em que ele começou a propor suas idéias.

Essa me parece uma das razões para que tenha ocorrido essa multiplicidade de instituições analíticas lacanianas. Acho que também existem razões políticas, porque, desde a dissolução da Escola Freudiana de Paris, já existiam questões na condução política da Escola, só que isso foi um problema de Lacan, não foi um problema dos outros discípulos de Lacan. O próprio Lacan teve dificuldades de manter sua escola unida. Acho que ele não conseguiu distribuir o poder na Escola de forma a manter as pessoas unidas em torno da Escola Freudiana de Paris, mesmo que houvesse discordâncias entre os analistas. Ele precisou dissolver a escola. Esse foi o ato fundador da multiplicidade.

A possibilidade de dissolver a própria escola que fundou permitia que outros também fizessem a mesma coisa. Quer dizer, se há uma discordância, vamos fazer uma outra escola, dissolver a que nós temos e mudar. A própria fundação da Escola Brasileira de Psicanálise foi feita a partir da dissolução das várias instituições que havia no Brasil. Tivemos de dissolver todas: a Escrita Freudiana, a Biblioteca Freudiana, a Associação Freudiana, a Coisa Freudiana etc. Em todas as instituições, a idéia era dissolver a escola, isto é, fazer outra. Essa dissolução da Escola Freudiana de Paris foi um ato político de Lacan que talvez também tenha permitido essa multiplicidade dos nomes do pai.

Na realidade, há uma concepção posterior de Lacan que de fato é, digamos assim, uma razão teórica, à medida que Lacan trabalha com a axiomática do gozo e com o registro do Real de uma maneira diferente daquela que trabalhava no nível das formações do inconsciente e da função da fala no campo da linguagem. Vai havendo uma modificação teórica, mas acho que é do ponto de vista político, diria até que possa ter relações com a teoria analítica, mas tem relações com a prática política dos homens analistas, e não dos psicanalistas simplesmente.

A psicanálise tem uma contribuição muito importante para a política e para as relações políticas. Somos dependentes também de nossa consciência política, e isso muitas vezes não leva em conta justamente o inconsciente, porque, para levar em conta o inconsciente, é preciso um trabalho muito específico que a psicanálise exige e que nem sempre é possível.

Nós sabemos que os efeitos psicanalíticos na psicanálise não são tão simples assim, tão fáceis.

De certo modo, isso pode até ser uma vantagem, no sentido de que cada instituição psicanalítica tem sua autonomia. No Fórum Internacional, uma das conquistas que fizemos em termos políticos foi o fato de que cada Fórum Local é independente, política e teoricamente, embora relacionado, referenciado à Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, que é uma instituição internacional, mas há uma expectativa de que cada Fórum seja competente e se estabeleça. De que os analistas não fiquem alienados nos mestres que eles possam ter, mas que possam realmente se autorizar e, a partir dessa autorização, desejar o reconhecimento de seus pares por meio do passe e de outras atividades, encontros, congressos, publicações. Mas é fundamental o autorizar-se.

É assim que penso a importância da independência, da autonomia de cada Fórum.

4. Sílmia Sobreira – Você escreveu para o Boletim de fevereiro deste ano, o Boletim do Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo, um editorial do qual destaco três parágrafos. O primeiro deles diz o seguinte: "Tem inspirado nossa ação o crédito que estamos dando ao projeto que surgiu com a Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano, instituição internacional construída através de um investimento honesto no processo democrático de gestão pública. A prática psicanalítica tem a ensinar à política, mas a prática política realiza o ideal maior da vida social". Eu lhe pediria primeiro um comentário sobre esse parágrafo.

Luiz Carlos Nogueira – Você me chamou a atenção para uma questão de gestão pública, realmente é uma expressão que poderia confundir, mas é claro que estou me referindo à organização do Fórum. Como organização pública – quer dizer que não é propriedade de ninguém –, ela é uma instituição de sócios, sócios psicanalistas e não-psicanalistas, membros do Fórum e da Escola. Quando digo que a Escola é uma instituição internacional construída por meio do investimento honesto em um processo democrático de gestão pública, quero dizer com isso que nós pretendemos, com a fundação da Escola, que ela seja propriedade de todos e que seja uma associação que não tenha conotação de mestria exclusiva, que não seja uma associação que tenha uma ideologia, que não seja, por exemplo, uma ortodoxia. Não estamos fazendo uma Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano para ter uma posição não crítica em relação a Lacan, aos textos de Lacan e aos lacanianos.

Acho que temos antes de tudo de ter uma atitude crítica em relação às coisas que Lacan tenha escrito ou feito. Foi isso que quis dizer com investimento honesto. Que tenhamos liberdade de pensamento honesto, no sentido de termos liberdade de crítica para poder fazer uma investigação, uma pesquisa rigorosa à altura da importância da psicanálise e também da contribuição lacaniana. O público aqui é a gestão pública, próprio de um processo democrático, processo do povo, não de um monarca, mas do povo.

Nossa associação é uma escola e uma instituição cientifica e cultural que visa a transmitir o pensamento de Lacan, mas não o pensamento ortodoxo, não uma ortodoxia, o que me parece ter, infelizmente, norteado um pouco a criação da Associação Internacional por Freud, que precisava preservar seu pensamento. Na realidade, era um equívoco, pois, uma vez que ele fez a psicanálise, isso já não era mais dele. Não havia algo a ser preservado, uma propriedade, mas algo a ser difundido.

Eventualmente a gente pode pensar em direitos autorais, mas no nível intelectual os direitos autorais são muito restritos, quer dizer, uma vez que a pessoa divulga suas idéias, essas idéias caem no domínio público. É claro que se pode eventualmente investigar plágios, maneiras não éticas de aproveitamento de citações de trabalhos de outros etc., mas se edito meus livros, faço justamente porque posso, por estar de poder de minha criatividade. Eu estou fazendo os outros participarem disso que antes era só meu e agora torno público. Eu divido com as pessoas as minhas idéias e, portanto, elas podem fazer uso dessas idéias.

Nós fazemos uso das idéias de Lacan, então não faz sentido eu fazer uma escola de psicanálise de Lacan como se fosse uma ortodoxia. Se é uma ortodoxia, já não é mais uma escola racional, baseada no trabalho intelectual, mas um lugar onde se faz uma transmissão revelada, como acontece na religião. A religião é dogmática, ortodoxa, porque nela existem verdades que não podem ser questionadas, criticadas. Não é o caso de uma instituição humana que não tem verdades reveladas, ao contrário, tem verdades muito relativas, que podem ser corrigidas, substituídas.

5. Sílmia Sobreira – De certa forma, você já entrou no segundo parágrafo que eu tinha destacado, mas, mesmo assim, vou retomá-lo, para que possa comentar ainda, se quiser: "Tanto a descoberta freudiana quanto a contribuição lacaniana não são propriedades particulares, mesmo porque Freud dividiu seu patrimônio intelectual com suas pacientes, e Lacan, com Freud. Mas aqueles que puderam conviver com a pessoa de Freud e com a pessoa de Lacan são privilegiados e tanto mais se enriquecem quanto mais dividem com seus contemporâneos as experiências que tiveram com eles. Não se tem o domínio sobre a criatividade, mesmo porque o prazer de criar é maior que o prazer de possuir o objeto criado. Não é à toa que os artistas vendem suas obras".

Luiz Carlos Nogueira – Já falei um pouco sobre isso, mas uma idéia na qual me agrada muito pensar é exatamente esta: há uma intransferibilidade do ato criativo, eu não posso transferir meu ato criativo a não ser por meio da obra que faço. Mas o ato criativo em si, a idéia que eu tive, é uma propriedade particular intransferível. Contudo ela só é validada se puder ser transmitida. De nada adianta ter boas idéias se não as divulgo, se não as transmito aos outros.

Só que, no nível da linguagem, não podemos pensar em uma atividade isolada, não existe uma propriedade propria-

mente dita, um objeto intelectual. No nível das idéias, estou sempre me relacionando com alguém, estou sempre fazendo o outro participar dessa criação. Da mesma forma como falei dos pacientes de Freud que participaram da criação da psicanálise de alguma forma.

Isso não acontece quando sou proprietário de algum objeto, de um pedaço de terra, de uma casa.

Embora muitas vezes eu tenha de fazer outras pessoas participarem disso, de qualquer forma o que quero dizer é que, no nível do campo da linguagem humana, nós sempre estamos na relação com o outro. Sempre. Portanto, não temos exclusividade de nossa vida intelectual. É por isso que a gente se enriquece cada vez mais quanto mais faz os outros participarem disso.

Lacan para nós é um homem rico, porque ele conseguiu fazer a escola Freudiana de Paris e atrair tanta gente para ouvi-lo.

Eu disse que as pessoas que entraram em contato com Freud e Lacan (já não temos mais ninguém que tenha entrado em contato com Freud; com Lacan, sim), são privilegiadas. Eu, por exemplo, me sinto privilegiado em ter podido falar com Lacan. Mas o privilégio que tive foi justamente poder falar com os outros de minha satisfação pelas coisas que pude viver com ele, e de nada adiantaria guardar isso para mim, eu teria apenas uma satisfação autista, isolada, embora, de fato, minha transmissão sempre tenha uma conotação parcial, nunca poderei transmitir totalmente toda a experiência que tive, que vivi. Sabemos que não podemos dizer toda a verdade, mas quanto mais pudermos transmitir esse privilégio, mais podemos nos enriquecer, porque as pessoas poderão participar e conviver de certa forma com essa experiência e também aproveitar dela e devolver para quem transmite suas considerações.

É nesse sentido que penso a importância da propriedade no campo em que trabalhamos, porque ela tem sido motivo de muito problema, principalmente no Campo Lacaniano, porque as pessoas começaram a ficar muito preocupadas com repetições de idéias que analistas faziam na sua transmissão etc., quando na realidade sabemos que todos nós estamos usufruindo de uma mesma fonte, mas à medida que usufruímos dessa fonte, nós a transformamos à nossa maneira.

Se as pessoas que escrevem sobre psicanálise estão se autorizando para fazer isso, elas transmitem algo de si também, mesmo que seja a partir de Lacan e de Freud.

As questões, digamos assim, éticas que podem decorrer disso ou da estrutura clínica são coisas menores, exceções, que não devem servir de princípio para nossa orientação.

6. Sílmia Sobreira – Eu quero ainda pedir-lhe um comentário sobre o terceiro dos parágrafos que destaquei: "Dentro desse espírito democrático, prezamos a atividade de governo que pretende servir ao bem de todos e fazer com que a psicanálise possa ser usufruída pelo maior número de pessoas. Sabemos que a prática psicanalítica exige um grande investimento pessoal e social, e sabemos também que seus efeitos, embora extraordinários, não são de fácil acesso".

Luiz Carlos Nogueira – É claro que estou falando como diretor preocupado com gerir a coisa pública e que ela possa servir a todos. Todos os membros dessa sociedade, nesse sentido não há nenhuma conotação psicanalítica, mas conotação política bem simples.

O que me parece importante destacar, que eu talvez não tenha desenvolvido muito, é que, por causa do que sabemos a respeito da psicanálise, do inconsciente, é difícil a constituição de um grupo psicanalítico. Sabemos desse autorizar-se, sabemos desse desafio que a psicanálise traz para cada um de afirmação própria, de liderança própria. É difícil constituir um grupo de líderes que se submetam a um líder. Essa questão de identificação com o líder é a questão do grupo, é a questão da liderança do grupo, que leva às questões imaginárias. Sabemos que trazem sempre grandes problemas políticos de alienação, ditadura, ortodoxia. Quer dizer, nós precisamos, não podemos deixar de fazer um grupo, como o Fórum, com uma organização que é um bem de todos, mas sabemos que esse bem de todos é uma utopia, é um nível imaginário que estamos propondo.

Os outros níveis acabam interferindo nisso e dificultando a realização dessa participação harmoniosa.

7. Sílmia Sobreira – Foram essas as questões que eu pensei em lhe propor nessa entrevista para *Stylus*. Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Luiz Carlos Nogueira – O que eu gostaria de dizer é que me sinto muito feliz por ter participado e vivido todos esses anos, optado pela linha de Lacan, pela formação lacaniana, ela veio muito ao encontro de minha própria formação intelectual.

Eu não me dava conta de que Lacan teve uma formação intelectual semelhante à minha. Acho que por isso também os textos dele tinham uma ressonância importante para mim, mas não só isso; eu tive uma experiência analítica importante em uma outra linha, juntamente com a orientação de Durval Mar-

condes, outro analista da Sociedade Brasileira de Psicanálise, e posso continuamente fazer comparações entre os dois trabalhos. E me dei conta de que Lacan foi realmente genial em todas as críticas que fez em relação àquilo que tinha aprendido inicialmente na psicanálise, em poder ler Freud do jeito que ele leu. É claro que a leitura dele deve muito à capacidade que teve de fazer uma crítica profunda da psicanálise.

Acho ainda que nós usufruímos pouco, ainda temos muita dificuldade de ler Lacan, porque ele entra por campos muito novos que a cultura ocidental ainda domina pouco, como a lógica moderna. Foi muito interessante essa grande contribuição que Lacan deu em relação justamente à formação da psicanálise.

A psicanálise tem um método criado por Freud, a associação livre, mas ainda está se fazendo a formalização dessa atividade, dessa prática, e é por isso que Lacan se preocupou em entrar em contato com a ciência, com o estudo da disciplina que tem sido instrumento de formalização da ciência moderna. Mas, além disso, outra grande contribuição de Lacan foi mostrar a originalidade da psicanálise que Freud já tinha feito, mas que não tinha podido mostrar claramente no nível de comparação com outras disciplinas, porque era preciso fazer um estudo aprofundado dos fundamentos da psicanálise. Isso Lacan fez já em 1953, dando com isso um lugar seguro à psicanálise em um contexto cultural, o que é uma contribuição inestimável, dando-me segurança para falar da psicanálise. Vejo que muitas pessoas não têm uma formação dos fundamentos, não estão acostumadas a pensar nos fundamentos, mas apenas a partir da prática, não conseguindo, muitas vezes, situar o que estão fazendo quando fazem psicanálise.

Era disso que eu sentia falta, justamente nos contatos com jornalistas, dos meus primeiros professores, que eram pessoas muito sérias e muito éticas no contato com os outros, com as pessoas, mas não tinham como falar da psicanálise e não sabiam como falar da psicanálise. Acho que Lacan deu uma contribuição inestimável e me sinto muito feliz em ter podido participar disso.

É isso que gostaria de dizer.

8. Sílmia Sobreira – Eu lhe agradeço pelo que aprendi nessa entrevista e pelo que você pôde dividir com os leitores de *Stylus*, em nome dos quais agradeço antecipadamente. Obrigada.

São Paulo, 16 de março de 2003

resumo

Inicialmente, a entrevista visava a abarcar um momento, um aspecto do movimento psicanalítico no Brasil: a introdução do ensino de Lacan em nosso país. Mas, tendo ido além, revelou os efeitos da transferência e as conseqüências do "autorizar-se por si mesmo" sobre as instituições psicanalíticas de orientação lacaniana.

abstract

The former purpose of the interview was to grasp just a moment, an aspect of the Brasilian psychoanalytical movement: the introduction of Lacan's work in our country. But it revealed the effects of transfer and the consequences of "to authorize oneself" over the lacanian orientated psychoanalytical institutions.